

Inquérito aos hábitos de leitura*

Eduardo de Freitas**

Maria de Lourdes Lima dos Santos***

Resumo: No resumo que aqui se apresenta de parte dos resultados de um inquérito cuja população só incluía alfabetizados, sobressai a distância entre a capacidade de ler e o hábito da leitura enquanto prática cultural. Perfis de diferentes leitores configuram-se por entre discriminações sociais, revelando diferentes graus de apetência de leituras e diferentes modos de as realizar. A este respeito mostrou-se elucidativo o recurso a tipologias - da leitura e dos leitores - associadas às variáveis de caracterização social. Ver-se-á como resultam distintas as frequências com que se pratica a leitura, distinto o volume do que se lê, distintas as modalidades que se consomem - livros, jornais, revistas - e, dentro de cada uma delas, distintos os géneros que se preferem. A utilização de indicadores de socialização primária no campo das práticas de leitura permitiu, por sua vez, avaliar o impacto das heranças de hábitos de leitura transmitidos aos inquiridos durante a infância. Sendo a leitura, hoje em dia, uma das práticas culturais mais banalizadas, obrigatoriamente difundida durante a escolaridade dos indivíduos, nem por isso ela deixa de funcionar como hábito fortemente distintivo, reproduzindo hierarquias de legitimidade socio-cultural.

1. Objectivo genérico

Tem este estudo por finalidade fornecer elementos sobre as práticas de leitura em Portugal. Desenha-se o estado actual das coisas da leitura, procurando responder a perguntas tais como: quem lê? O que se lê, designadamente de entre livros, jornais e revistas? Com que frequência? Que e quantos livros se possuem? Quem compra e quantos livros se compram? Onde se realiza o aprovisionamento de livros? Qual o lugar da leitura entre escolhas culturais? Afinal procurando uma resposta genérica à questão do balizamento social da leitura.

* O presente texto compila, resumida e comentadamente, o relatório do Inquérito aos Hábitos de Leitura (2 volumes) elaborado por Eduardo de Freitas (coordenador), Maria de Lourdes Lima dos Santos e Ana Saint-Maurice, entregue em Junho de 1989 ao Instituto Português do Livro e da Leitura, entidade patrocinadora e financiadora do estudo.

** Docente do Departamento de Sociologia do ISCTE e investigador do CIES

*** Docente do Departamento de Sociologia do ISCTE e investigadora do CIES

Intenta-se, assim, clarificar as principais características da população na sua relação com a leitura, escolhendo-se uma visão macroscópica, consentânea com o propósito analítico atrás apontado.

Esta opção pelo desenho do "estado de coisas" em matéria de leitura no que respeita a uma população vasta, levou à adopção de um dispositivo metodológico assente no inquérito por questionário, como estratégia de análise mais ajustada¹.

2. Os tipos de leitura

Definem-se três tipos de leitura que remetem apenas para duas situações de leitura activa, empiricamente distintas e sociologicamente relevantes, posto que a terceira recobre o negativo da leitura: a não-leitura.

Consideram-se três conjuntos de publicações que, dado o carácter massivo que comportam e a especificidade que cada um deles evidencia, se entende consubstanciarem maior tipicidade entre a gama larga de materiais significantes susceptíveis de serem apreendidos através da leitura descodificadora da linguagem escrita: os livros, os jornais e as revistas.

O acesso recorrente e plural aos três conjuntos de publicações define um tipo designado de *cumulativo*, o qual se supõe traduzir uma prática consolidada, um hábito arraigado, de leitura. O pressuposto aqui presente é, afinal, o seguinte: quem faz da leitura um instrumento permanente de recolha de informação e de compreensão das mundivivências e/ou quem se entrega à leitura por ela-própria, isto é, pelo prazer da acção de ler; quem, numa palavra, convive em comunhão com o código linguístico escrito, então percorre a galáxia de Gutenberg e lê livros, lê jornais e lê revistas.

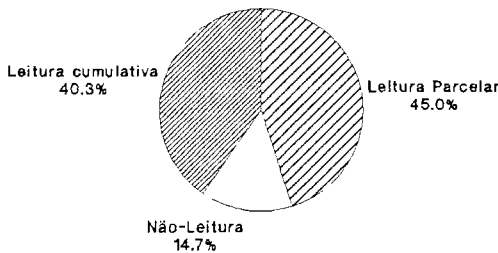
O acesso recorrente, mas fragmentado, porque limitado a um ou dois desses três conjuntos de publicações, sem traduzir necessariamente capacidades descodificadoras reduzidas dos indivíduos ou finalidades transfiguradas na acção de ler, indicaria um convívio esquivo com a leitura e, assim, uma prática tendencialmente não consolidada, aqui designada por leitura *parcelar*.

Leitura cumulativa e leitura parcelar são, deste modo, os dois tipos positivos de leitura que se definem com base em critérios que se entende possuírem suficiente pertinência.

O terceiro tipo de leitura, se assim podemos dizer, representa a negação da acção de ler. Negação por alheamento ou afastamento mais ou menos recente - liam-se livros, jornais ou revistas e deixou de se ler - ou por enraizada indisponibilidade - apesar de se possuir, de se ter declarado possuir, a competência de leitor ("sabe-se ler"), pratica-se a leitura mas tão só em função de objectivos pragmáticos circunscritos na orla da sobrevivência imediata do quotidiano e/ou do acesso a alguma informação noticiosa ou cultural.

A respeito desta não-leitura que, apesar de minoritária, corresponde a 14.7% dos indivíduos da amostra (vide Gráfico 1), a informação recolhida é esclarecedora. Interrogados os não- leitores sobre o que afinal lêem no dia-a-dia, vê-se que a leitura realizada decorre do imperativo de se atingirem objectivos pragmáticos - lêem-se marcas/preços/instruções de produtos e serviços/receitas culinárias/cartas/orientações de trabalho/contas e recibos (27.1% das respostas) ou lê-se "tudo o que é necessário" (11.5%). Ou, então, para aceder a alguma informação noticiosa - lêem-se as mensagens inseridas nos cabeçalhos dos jornais e nos anúncios (13.8) - ou a alguma informação cultural - lêem-se as legendas de programas televisionados ou de filmes (23.7%) (vide Quadro 1).

Gráfico 1: Tipos de leitura



Quadro 1: Leituras dos não-leitores de livros, jornais ou revistas (em %)

marcas, preços, instruções de produtos e serv.	16.0	
receitas culinárias	4.4	
cartas	3.9	27.1
orientações de trabalho	1.6	
contas, recibos	1.2	
tudo o que é necessário		11.5
cabeçalhos de jornais, publicidade		13.8
legendas TV, filmes		23.7
nenhuma		9.4
não sabe/não responde		10.3
outras respostas		4.2

N = 405. Respostas dadas pelos não-leitores de livros, jornais ou revistas

Esta indisponibilidade para a leitura dos materiais legíveis mais "nobres" (livros, jornais, revistas), é justificada pelos próprios, sobretudo pelas seguintes quatro razões: falta de tempo (35.4%), não gosto pela leitura (28.9%), preguiça

ça/falta de vontade/cansaço (27.2%), e problemas de vista/ de saúde (21.1%) (vide Quadro 2).

Quadro 2: Razões da não-leitura de livros, jornais ou revistas

Falta de tempo	35.4
Não-gosto pela leitura	28.9
Preguiça, falta de vontade, cansaço	27.2
Problemas de vista, saúde	21.1
Falta de motivação/preparação	10.5
Outros interesses, distrações prevaletentes	6.1
Razões económicas, livros caros	4.1
Outras respostas/não sabe	4.4

Em % (respostas múltiplas); N = 294 (Não leitores de livros, jornais ou revistas)

Salienta-se a moldura racionalizadora da principal razão dada. Alguma competência incorporada como leitor levará sempre um a ler qualquer coisa, de entre livros, jornais ou revistas, numa qualquer hora. Assim, a "falta de tempo" não colhe.

Por outro lado, dizer não se deve ler por "não se ter tempo" ou "por preguiça", é dizer que se devia ler para se estar conforme o legitimado socialmente, é reconhecer uma injunção não cumprida. Tais respostas são dadas por uma parte significativa dos não-leitores de livros, de jornais ou de revistas. A assumpção da não-leitura - não se lê porque "não se gosta" - aparece mais escassamente representada.

A distribuição dos três tipos de leitura na amostra deixa ver que a grande maioria dos inquiridos declara praticar a leitura. Com efeito, 85.3% dizem ler pelo menos algum dos três conjuntos de publicações apontados.

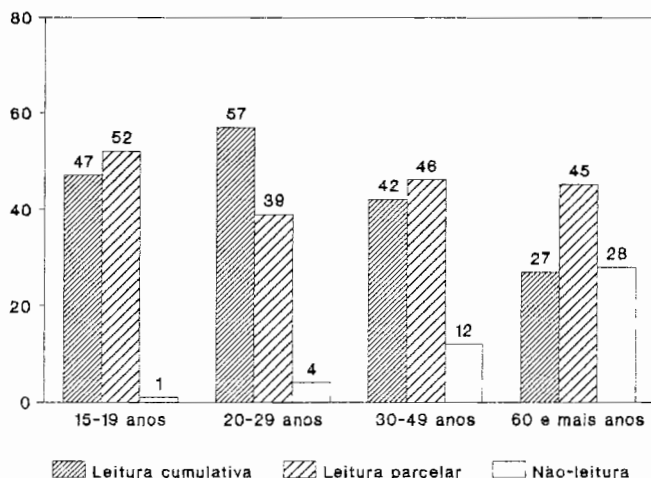
2.1. Os tipos de leitura e as variáveis de caracterização

De entre o conjunto das variáveis utilizadas para caracterizar socialmente os inquiridos (sexo, estado civil, *idade*, *nível de instrução do próprio e do pai*, ocupação, *profissão do próprio* e do pai, região e habitat de residência), destacam-se aqui quatro, precisamente as sublinhadas, que são as que apresentam mais elevados níveis de associação com os tipos de leitura.

Ao atentar-se nas distribuições dos tipos de leitura segundo os *escalões etários*, verifica-se que é nas idades dos adultos jovens que se lê mais cumulativamente. De facto, aos 20/29 anos, cerca de 5.5 em cada 10 inquiridos lêem livros, jornais e revistas, e esta prática vai-se tornando menos frequente com o aumento da idade - aos 50 anos e mais, diz respeito apenas a cerca de 2.5 em cada 10 (vide Gráfico 2).

No referente à leitura parcelar, ela incide diferencialmente nos grupos etários dos 15-19 e dos 20-29 anos - 5 em cada 10 e 4 em cada 10 indivíduos, respectivamente - e situa-se ao nível médio global para os restantes grupos.

Gráfico 2: Os tipos de leitura segundo a idade



A não-leitura não cessa de aumentar ao avançar-se na idade. Quase inexistente aos 15-19 anos, aos 30-49 já é assumida por mais de 1 em cada 10, e aos 50 e mais anos, por quase 3 em cada 10 inquiridos.

Dir-se-á que a prática mais consolidada de leitura é mais frequente nos dois escalões de idade mais jovens e, correlativamente, o alheamento da leitura mais comum nas idades mais altas. O início da concretização dos projectos de vida, nomeadamente profissionais, combinado com um mais elevado nível de instrução inclinaria à leitura plural. Os mais velhos, com um nível médio de instrução mais baixo e mais afeiçoados a rotinas esvaziadas de leitura, surgem mais afastados do contacto com livros, jornais ou revistas.

Torna-se patente que *nível de instrução* e tipos de leitura se acham fortemente associados. Nos mais baixos níveis de escolaridade, a prática de leitura surge bastante menos investida pelos inquiridos, comparativamente ao que se vislumbra nos níveis de escolaridade mais elevados.

A leitura cumulativa intensifica-se com o aumento do nível de instrução. De facto, se apenas 2 em cada 10 respondentes com o 2º/4º anos lêem livros, jornais e revistas, com o Ensino Preparatório/Curso Geral já são 4 em cada 10, e com os dois níveis mais elevados de escolaridade cerca de 8 em cada 10 (vide Gráfico 3).

A leitura parcelar tende a decrescer de frequência com o aumento do nível de instrução. Com um nível igual ou inferior ao Curso Geral, 5 em cada 10 indivíduos reclamam-se deste tipo de leitura; nos dois escalões de escolaridade mais altos, apenas 2 em cada 10 o fazem.

Gráfico 3: Os tipos de leitura segundo a instrução

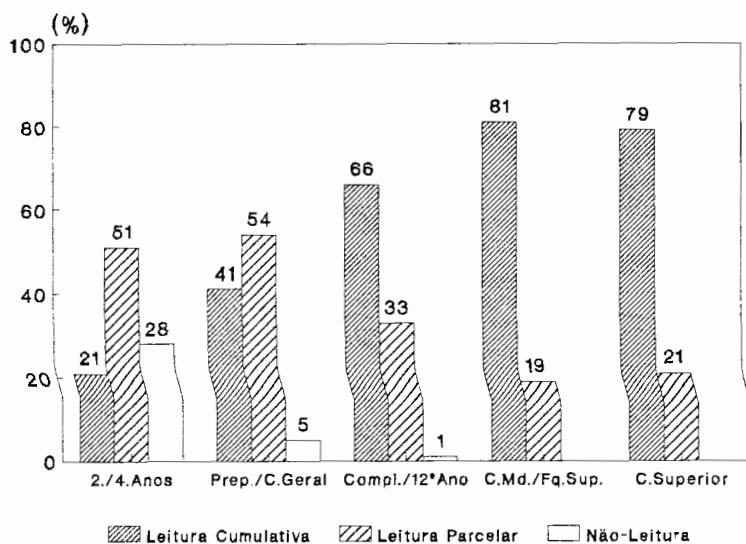
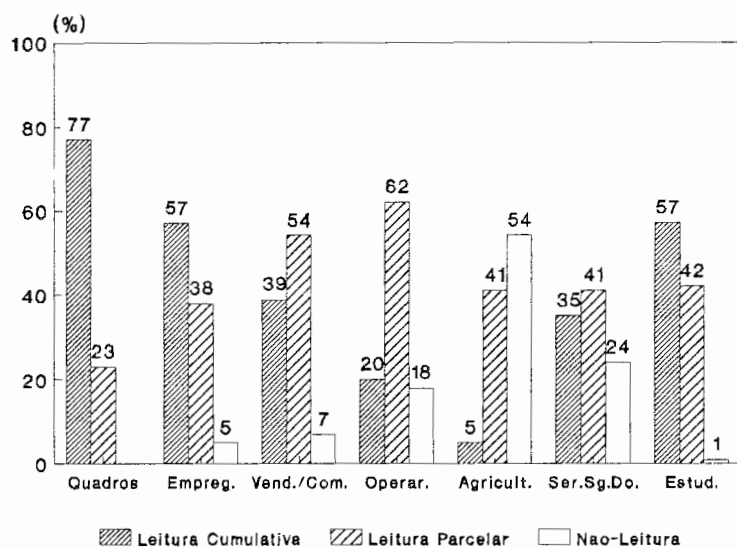


Gráfico 4: Os tipos de leitura segundo a profissão/ocupação



A ausência de leitura é muito marcante ao nível de instrução primária: então quase 3 em cada 10 indivíduos ignoram a leitura. Nos dois escalões de escolaridade subsequentes atenua-se a percentagem dos que se declaram ignorantes de leitura e, nos dois escalões mais altos, não há não-leitores.

É muito marcada a diferença quanto à prática dos tipos de leitura consoante a *profissão* exercida.

No respeitante à leitura cumulativa, ela é realizada por cerca de 7.5 em cada 10 Quadros e por quase 6 em cada 10 Empregados e Estudantes contra 2 em cada 10 Operários e 0.5 em cada 10 Agricultores (vide Gráfico 4).

Remetem-se à leitura parcelar acima de 6 em cada 10 Operários, mais de 5 em 10 Vendedores e Comerciantes contra apenas 2 em 10 Quadros. De salientar o segmento de Estudantes que lêem parcelarmente: 4 em cada 10.

O alheamento da leitura é mais acentuado no grupo dos Agricultores - mais de 5 em 10 não lêem nem livros, nem jornais, nem revistas. Este vazio de leitura atinge o grupo dos Trabalhadores dos Serviços de Segurança e Domésticos - e dos Operários - cerca de 2 em cada 10 - e não é detectado no grupo dos Quadros.

Em resumo, os Quadros, os Empregados e os Estudantes são os grupos profissionais que lêem mais consolidadamente, os Operários e os Vendedores e Comerciantes lêem sobretudo parcelarmente. Os Agricultores maioritariamente nada lêem, tal como uma fracção importante dos Trabalhadores dos Serviços de Segurança e Domésticos e dos Operários.

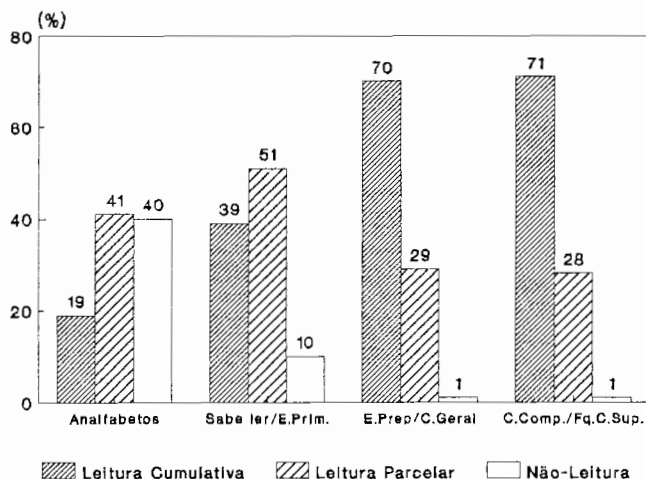
Escolhe-se como indicador do capital escolar da família de origem o *nível de instrução do pai*, fundamentalmente porque se supõe ter sido o capital desse progenitor que mais moldou o universo de referências culturais das gerações dos inquiridos.

A relação observada entre nível de instrução do pai e tipos de leitura dos inquiridos é de evidente associação. Para os mais baixos níveis de instrução dos pais, a prática da leitura dos seus descendentes acha-se menos investida e, à medida que o nível de instrução dos pais aumenta, regista-se um maior investimento dos filhos na leitura, traduzido em práticas de leitura mais consolidadas.

A leitura cumulativa tende a tornar-se crescentemente frequente com o aumento do nível de instrução dos pais. Quase 2 em cada 10 inquiridos com pais analfabetos; ao redor de 7 em 10 indivíduos com pais com nível de instrução igual ou superior ao Curso Geral lêem cumulativamente (vide Gráfico 5, página seguinte).

A leitura parcelar aumenta nos inquiridos com pais analfabetos e com o nível de escolaridade "sabe ler, mas não foi à escola/ensino primário" e daí em diante diminui, dizendo respeito a apenas menos de 3 em cada 10 indivíduos com pais com o nível mais elevado de escolaridade.

A não-leitura é muito vultuosa nos respondentes com pais analfabetos - 4 em cada 10 nessa situação nada lêem - e, praticamente, não tem expressão naqueles cujos pais possuem ou possuíam os dois níveis de instrução mais altos.

Gráfico 5: Os tipos de leitura segundo o nível de instrução do pai

2.2. Os tipos de leitura e a socialização primária

Procura-se também relacionar os tipos de leitura actual com indicadores de socialização primária no campo da leitura. A hipótese genérica que subjaz a este relacionamento é a de que um convívio com a leitura na infância gera provavelmente uma maior apetência de leitura na vida adulta.

Com efeito, se mais de 6.5 em cada 10 dos indivíduos socializados na infância com a leitura directa lêem hoje cumulativamente, apenas 3 em cada 10 dos socializados sem leitura o fazem actualmente (vide Quadro 3). O negativo deste panorama aparece espelhado no respeitante à leitura parcelar. O exercício desta leitura não-cumulativa é mais frequente em relação ao modo de socialização desfavorável do que relativamente ao modo favorável - 5 em cada 10 vs. 3 em cada 10. Por fim, a não-leitura é quase inexistente entre os que beneficiaram de ter os pais ou familiares a lerem-lhes na infância; dos que viveram a infância sem leitura, mais de 1.5 em cada 10 nada lêem actualmente.

Tomando agora como indicador da socialização a prática da leitura dos pais ou familiares para si próprios - e não já a dirigida aos filhos - verifica-se, uma vez mais, que modos de socialização e tipos de leitura aparecem associados: ao modo definido pela leitura dos pais corresponde uma alta percentagem (57.3%) de leitura cumulativa nos filhos; ao modo definido pela não-leitura dos pais corresponde uma baixa percentagem (24.5%) de leitura igualmente cumulativa.

Correlativamente, a situação inverte-se ao observarmos o que se passa quanto à leitura parcelar e à não-leitura. Ao modo sinalizado pela não-leitura dos pais correspondem mais altas frequências daquelas duas práticas quando

Quadros 3: Tipos de leitura segundo os modos de socialização primária (em%)

	Leitura		
	cumulativa	parcelar	Não-leitura
Indicador: Leitura realizada pelos pais/familiares aos inquiridos			
Pais liam-lhes	66.1	31.5	2.5
Pais não(lhes) liam	31.9	51.5	16.6
Indicador: Leitura realizada pelos pais/familiares para si-próprios			
Pais liam	57.3	40.4	1.2
Pais não liam	24.5	50.0	25.5
Indicador: Existência de livros em casa, na infância			
Muitos livros	69.3	29.5	1.2
Alguns/poucos livros	46.8	47.0	6.2
Nenhum livro	18.9	49.3	31.8

comparadas com as frequências referentes ao modo no qual a leitura dos pais era realidade presencial.

O estatuto dos modos de socialização primária no campo da leitura e das suas consequências possíveis na idade adulta em matéria de tipo de leitura, passa ainda pela consideração de um terceiro indicador: a existência ou não de livros na casa de infância dos inquiridos.

As tendências que se desenham são extremamente claras: quanto mais livros os indivíduos dizem que havia em sua casa, mais consolidado aparece o tipo de leitura: 7 em cada 10 dos que tinham *muitos* livros, 4,5 em cada 10 dos que tinham *alguns* ou *poucos* e 2 em cada 10 dos que *não* tinham em casa, lêem hoje livros, revistas, e jornais.

A relação inverte-se no âmbito da leitura parcelar: quanto menos livros existiam em casa na infância, mais parcelarmente se lê hoje. No capítulo do alheamento da leitura a progressão é flagrante: quanto mais desertificada de livros se achava a casa de infância, mais é ignorada actualmente a leitura.

Relevo maior, como se acaba de mostrar, tem a socialização primária na gestação do gosto pela leitura. Mas o investimento concretamente realizado pelos pais não terá tido medida comum. As situações potencialmente mais incentivadoras da prática da leitura presentes nos indicadores mencionados - ler aos filhos, ler na presença dos filhos, apetrechar a casa da família de "muitos livros" - são referidas como factos vividos por um número de inquiridos que oscila entre cerca de 20% e 30%.

Havendo larga coincidência entre os que beneficiaram das três situações enunciadas, isso corresponderia a dizer que, números redondos, apenas um quarto dos indivíduos terão sido fortemente socializados na leitura na sua infância. Medidas as descoincidências, a realidade mostrar-se-á ainda mais rarcfeita de vectores de socialização suscitadores de leitura.

Em meios relativamente desprovidos de leitura, os pais não tiveram, como seria de esperar, papel preponderante no ensinamento da leitura. Perguntados os indivíduos sobre quem foi a primeira pessoa a ensinar-lhes a ler, só 20% dizem terem sido os pais e/ou familiares e quase 80% os professores.

O universo familiar da infância da grande maioria dos indivíduos surge, assim, desguarnecido de leitura e de figuras parentais ensinantes de leitura por antecipação dos professores.

Uma nota final sobre o que poderá ser um indicador da disseminação do gosto pela leitura que os indivíduos terão tido na infância.

Perguntados sobre se nas idades infantis gostavam de ler, 7 em 10 declaram que sim, os restantes dizem que não (vide Quadro 4). Interrogados uns e outros - os que gostavam e os que não gostavam - sobre as "razões" por que isso acontecia, os primeiros apresentam como razões de gosto, ter sido então a leitura um divertimento/passatempo (36.0%) e terem sido atraídos por certos tipos de histórias (29.3%). Estas razões dirão respeito aos indivíduos que verosimilmente terão prazer em ler, os quais, como se vê, compreendem uma parte não muito extensa do total da amostra.

Quadro 4: Gosto de ler na infância (em%)

Sim	69.5
Não	28.2
Não se lembra	2.3

N = 1 689. Inquiridos que declaram ter aprendido a ler antes dos 10 anos

Razões do gosto de ler na infância (em %)

Porque era um divertimento/passatempo	36.0
Pela vontade de aprender/curiosidade	30.7
Pela atracção de certos tipos de histórias	29.3
Porque era incentivado a ler	9.5
Não sabe/Outras respostas	6.2

N = 1 174. Respostas múltiplas

Razões do não-gosto de ler na infância (em %)

Porque gostava mais de brincar	52.6
Por achar aborrecido	25.8
Por falta de incentivo familiar	11.3
Por ter começado a trabalhar cedo	2.3
Não-sabe/Outras respostas	11.1

N = 477. Respostas múltiplas

De facto, as demais respostas justificam o gosto pela vontade de aprender pelo incentivo à leitura recebido do exterior, razões que se afiguram espúrias, posto que manifestamente forjadas por uma perspectiva de adulto. Quanto aos que declaram que na infância não gostavam de ler, cerca de metade, ao afirmarem que não gostavam de ler porque gostavam mais de brincar, estão afinal a dizer que consideravam a leitura isenta de componentes lúdicas. Um quarto dos inquiridos afirmam que não gostavam de ler porque era aborrecido e cerca de um décimo remetem para outrém a responsabilidade dos próprios por não terem gostado de ler - não gostavam por falta de incentivo familiar adequada.

3. A leitura de livros

Os livros são os materiais por excelência consignados como objectos de leitura. Consubstanciam, mais do que os jornais e as revistas ou quaisquer outras publicações, a tradição da leitura e, por isso, são de imediato sinalizados no imaginário quando se alude à prática de leitura. Acresce que a tradição do livro é nobilitante, pois aparece como manifestação da cultura erudita dos grupos socialmente dominantes.

Esta carga histórica faz do livro um objecto de acessibilidade muito desigual. Grupos sociais há que o "naturalizam", lidando com ele em resultado de uma familiaridade incorporada, enquanto que outros grupos sofrem a sacralização, sustentando com o livro uma relação de proximidade injuntiva.

Esta diferencial relação com o livro faz colocar alguma reserva à qualidade das respostas dadas pelos inquiridos quando colocados perante perguntas, aparentemente tão insuspeitas de enviezamento, como as de "costuma ler livros?" ou "quantos livros leu ou comprou?".

Os indivíduos dos grupos sociais que reconhecem nos livros um elemento cultural pacificamente internalizado tenderão a dar respostas mais conformes às suas práticas efectivas. Os indivíduos pertencentes aos grupos que lidam reactivamente com os livros poderão compôr um quadro de respostas em função de declives opostos. Uns, querendo mostrar-se dentro dos padrões do socialmente valorizado, responderão que lêem livros e que lêem e compram mais do que aquilo que efectivamente fazem: majoram a sua qualidade de leitores. Outros, menosprezando as suas práticas efectivas, denegarão valia aos livros que lêem e compram, considerando-se sempre abaixo do que supõem exigido pelos padrões dominantes.

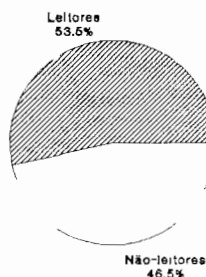
Esta questão da dissimulação da leitura agora aflorada - merecedora aliás de uma pesquisa aturada que lhes esclareça as direcções e os pesos por que se realiza - dá-se neste inquérito por não relevante, tomando-se portanto as respostas obtidas pelo seu valor facial.

Os portugueses pertencentes ao universo que aqui se estuda, dividem-se em dois conjuntos: os que declaram ler livros, 1188 indivíduos ou 59.4% do total, e os demais que se dizem apartados da leitura de livros.

A preocupação de cingir mais rigorosamente o conjunto dos leitores de livros levou a estabelecer como clivagem pertinente o hiato temporal respeitante ao último livro lido. Convencionou-se o ano como unidade de tempo dentro da qual a prática se teria cumprido; caso tal não tivesse sucedido, a prática, de remota ocorrência, era considerada como não suficientemente assumida, como não efectiva.

Assim, o conjunto dos declarados leitores vê-se amputado de 10% do seu contingente, passando para 53.5% a fracção de quantos são tidos como leitores efectivos de livros (vide Quadro 5 e Gráfico 6). Tem-se, assim, apenas cerca de metade do total da amostra constituída por leitores de livros.

Gráfico 6: Leitores e não leitores de livros (no último ano; N=2000)



Quadro 5: Leitura de livros no presente ou data do último livro lido (em %)

Está a ler		49.7
	Há um mês ou menos	19.9
	Há 2/3 meses	12.2
Não está a ler	Há cerca de 6 meses	5.3
	Há cerca de 1 ano	3.0
	Há mais de 1 ano	9.9
Não está a ler (total)		50.3

N = 1 188. Leitores de livros

Procurou-se averiguar quais as razões apontadas por estes leitores para a prática que dizem seguir, tal como pareceu curial saber quais as razões que os mesmos dão para a não-leitura dos não leitores. Tentou-se desse jeito, desviando a mira para terceiros, apurar as razões a que os leitores atribuem a ausência da prática.

Do conjunto da informação recolhida ressalta a ideia de que é importante o processo de socialização com a leitura ocorrido desde a infância, quando a família e, depois, a escola têm um papel fundamental para que os hábitos de

...a leitura se consolidem. Esta é a razão que com maior peso (36.1% respondendo) surge dita como necessária para se adquirir o hábito de ler. A razão apontada a seguir (20.7%) é mais óbvia e nada avança em termos interpretativos dos hábitos de leitura - "gostar de ler". Com pesos sucessivamente menores, mas ainda significativos, são apontados "ter paciência e força de vontade" (18.6%), "ter tempo" (17.3%) e "gostar de aprender/saber" (11.4%) como factores importantes na determinação daquela prática (vide Quadro 6).

Quadro 6: Razões de leitura dos leitores de livros

Ter recebido incentivo familiar/escolar	36.1
Gostar de ler	20.7
Ter paciência e força de vontade	18.6
Ter tempo	17.3
Gostar de aprender/saber	11.4
Ter condições económicas	8.5
Ter condições de acesso à leitura	7.6
Ter divulgação e publicidade	3.9

Em % (Respostas múltiplas); N = 1 070. Leitores de livros no último ano

Parecem associar-se à leitura, fundamentalmente, duas razões: por um lado, a necessidade de uma herança cultural, que passa pelo contacto com a leitura desde cedo e por outro, a disponibilidade quer em termos de tempo, quer em termos intelectuais.

Quando interrogados acerca da falta de hábitos de leitura por parte de quem não os tem, os entrevistados exprimem ideias muito próximas daquelas de que acabamos de dar conta, conquanto expressas pela negativa.

Assim, a primeira razão expressa (43.7%) coincide praticamente com a negativa da resposta referida anteriormente em primeiro lugar, ou seja, não se lê "por falta de preparação/de motivação". Surgem com peso inferior as respostas que vão no sentido de apontar a "falta de vontade" como justificação do não hábito de ler (22.3%) e, ainda, a indisponibilidade de tempo (20.3%) (vide Quadro 7).

Quadro 7: Razões de não-leitura (de terceiros) dos leitores de livros (em %)

Falta de motivação/de preparação	43.7
Preguiça/falta de vontade	22.3
Falta de tempo	20.3
Não gostar de ler	15.6
Falta de condições económicas	9.5
Outros interesses prevaletentes	7.7

N = 1 070. Respostas múltiplas

Comparando as duas escalas de razões, sobressaem ainda três factos: em primeiro lugar, os entrevistados acham que pode ler-se por se "gostar de aprender/de saber" (11.4%), mas não assumem que quando não se lê é porque

não se quer aprender/saber. Isto pode querer dizer que dificilmente se aceita que se não leia por uma opção favorável à ignorância.

Depois, muito embora as diferenças percentuais não sejam muito notórias, ainda assim faz-se notar que se "ter tempo" é uma razão para se ler (17.3%), a "falta de tempo", por sua vez, é uma razão para não se ler reconhecida por um mais elevado número de indivíduos (20.3%). Não se ler por falta de tempo é, pois, uma razão mais prontamente dada, possivelmente pela margem racionalizadora que poderá envolver.

Por fim, a tão divulgada razão da não-leitura de livros pelo carácter monetariamente inacessível dos mesmos, é apontada apenas por menos de 10% dos respondentes que afirmam que se lê (ou não se lê) pela posse (ou não-posse) de "condições económicas". Isto equivale a sublinhar que as opções pela leitura ou pela não-leitura se estribam, ao arrepio do juízo formulado pelo senso comum, em razões outras, alheias às disponibilidades monetárias.

4. Os tipos de leitores de livros

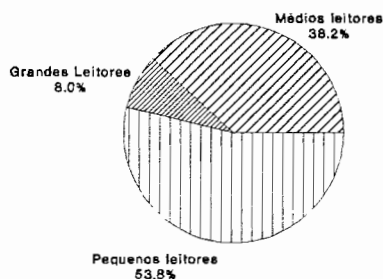
Para dar conta da maior ou menor frequência de leitura de livros traça-se uma tipologia de leitores baseada no número de livros lidos no decurso do último ano.

Assim, designa-se por *pequenos leitores*, os inquiridos que leram entre 1 a 5 livros; *médios leitores*, os que leram entre 6 a 20 livros; e, *grandes leitores*, os que leram acima de 20 livros.

Evidentemente que esta perspectiva, digamos estatística, assenta no pressuposto simples de que se é tanto "maior" leitor de livros quanto mais consumo lido de livros se faz, independentemente da natureza dos livros lidos, do modo através do qual se lêem livros e do uso social que se faz da leitura de livros. Por outro lado, não se pretende com esta perspectiva legitimar uma qualquer prática modelar de leitura que privilegie a acumulação quantitativa de leitura de livros.

Os patamares quantitativos de livros lidos, que estabelecem as fronteiras dos tipos de leitores, assentam numa convenção no limite impossível de justificar. Sobre o assunto apenas aqui se diz que tais fronteiras parecem "razoavelmente" fixadas². A distribuição dos leitores pelos três tipos definidos deixa ver ser maioritária a parcela dos que lêem entre 1 a 5 livros: 53.7% dos leitores de livros são *pequenos leitores*. A parte complementar compreende uma escassa parcela de *grandes leitores*, 7.9%, sendo a restante fracção, 38.4%, constituída por *médios leitores* (vide Gráfico 7).

Gráfico 7: Tipos de leitores de livros (N=1070)



4.1. Os tipos de leitores de livros e as variáveis de caracterização

Verifica-se ser nítida a progressão dos grandes leitores bem como dos médios leitores, quando se passa dos níveis de escolaridade mais baixos para os mais elevados. Assim, de 6.1% e de 25.8% com os 2/4^{os} anos progride-se para os 11.7% e 58.5% com um curso superior. Obviamente, a tendência é inversa quando se trata dos pequenos leitores. Estes, ao nível mais baixo de escolaridade, são 68.1% e, ao nível mais elevado, 29.8% (vide Quadro 8).

Quadro 8: Tipos de leitores de livros segundo variáveis de caracterização

	Grandes leitores	Médios leitores	Pequenos leitores
Nível instrução:			
2º/4º anos	6.1	25.8	68.1
Ens.Prep./C.Geral	8.0	33.5	58.5
C.Compl./12ºano	8.3	42.2	49.5
C.Médio/Freq. C.Sup.	7.9	51.9	49.2
Curso Superior	11.7	58.5	29.8
Profissão/ocupação:			
Quadros	12.0	52.8	35.2
Empregados	7.0	44.4	48.5
Vendedores e Comerc.	6.5	37.9	55.6
Operários	6.0	35.2	58.5
Agricultores	0.0	16.7	83.3
Serv.Segur. e Domést.	5.4	20.2	74.4
Estudantes	10.3	43.6	46.1
Nível instrução pai:			
Analfabetos	6.3	19.8	74.0
Sabe ler/Ens. Primár.	7.9	33.2	58.8
E.Prep./C.Geral	8.3	50.9	42.8
C.Compl./Freq.C.Sup.	9.5	47.7	27.4
Curso Superior	7.8	64.8	53.3

Vê-se, deste modo, ser notória a associação encontrada entre o nível de instrução dos inquiridos e a frequência de leitura de livros.

No referente à profissão, os Quadros e os Empregados são os grupos onde se recruta um maior número de grandes leitores - 12% e 10.3% - e naqueles dois grupos, acrescidos do dos Empregados, é onde se encontra um número maior de médios leitores. Os Agricultores e os Trabalhadores dos Serviços de Segurança e Domésticos são, pelo seu lado, os grupos profissionais mais fortemente marcados pela presença de pequenos leitores: 83.3% e 74.4%.

Levando em linha de conta o *nível de instrução do pai*, as percentagens de grandes e de médios leitores tendem a aumentar do nível de instrução mais baixo para o mais elevado. Correlativamente, a percentagem de pequenos leitores, face à mesma progressão do nível de escolaridade parental, tende a baixar.

4.2. Os tipos de leitores de livros e a socialização primária

Também aqui, à semelhança do que se fizera com os tipos de leitura, se procura relacionar os tipos de leitores de livros com indicadores de socialização primária. Se atrás se confirmou a hipótese de que a um maior relacionamento com a leitura na infância correspondem hábitos de leitura mais consolidados na vida adulta, pretende-se agora mostrar que o contacto com a leitura no seio da família de origem, no decurso da infância, predispõe futuramente a uma mais intensa prática de leitura de livros.

Analisa-se, em primeiro lugar, a informação obtida através do indicador "leitura realizada pelos pais/familiares aos inquiridos". Comparando o conjunto dos indivíduos socializados positivamente (os pais liam-lhes) com o dos socializados negativamente (os pais não lhes liam), verifica-se que os grandes e os médios leitores são mais frequentes no primeiro do que no segundo conjunto (10.5% e 46.2% v. 6% e 34.6%). A situação inverte-se para os pequenos leitores: são proporcionalmente mais frequentes no grupo dos socializados negativamente (59.4% v. 43.3%) (vide Quadro 9, página seguinte).

Com o indicador "leitura realizada presencialmente pelos pais", definiram-se três grupos: o grupo dos que tiveram os pais a ler frequentemente para si-próprios, o dos que tiveram os pais a ler não-frequentemente para si próprios, e o dos que tiveram pais que não liam para si-próprios, pelo menos na presença dos filhos. O resultado obtido vai no mesmo sentido do acima mencionado. Comparando os três grupos entre si, vê-se que o abaixamento da frequência da leitura dos pais faz baixar as percentagens de grandes e médios leitores e que, ao invés, tal abaixamento faz aumentar a percentagem de pequenos leitores.

A ventilação dos tipos de leitores de livros segundo os outros dois indicadores - oferta de livros na infância e existência de livros em casa na infância corrobora inteiramente o sentido da relação encontrada. De facto, a uma mais forte presença do livro, quer através de livros oferecidos, quer através da mera

existência de livros em casa, corresponde sempre a uma mais acentuada aptidão pela leitura de livros.

Quadros 9: Tipos de leitores de livros segundo o modo de socialização primária

	Grandes leitores	Médios leitores	Pequenos leitores
Indicador: Leitura realizada pelos pais/familiares aos inquiridos			
Pais liam (-lhes)	10.5	46.2	43.3
Pais não (-lhes) liam	6.0	34.6	59.4
Indicador: Leitura realizada pelos pais/familiares para si-próprios			
Pais liam frequentemente	8.6	45.0	44.2
Pais não liam frequentemente	7.6	38.9	53.7
Pais não liam	6.6	31.9	61.4
Indicador: Oferta de livros na infância			
Oferta frequente	13.2	46.0	40.8
Oferta não-frequente	4.7	38.2	57.2
Nenhuma oferta	5.3	31.1	63.6
Indicador: Existência de livros em casa, na infância			
Muitos livros	9.5	46.3	44.2
Alguns/poucos livros	7.6	37.5	54.9
Nenhuns livros	3.4	27.6	69.1

4.3. A selecção e a compra de livros

Em termos gerais a selecção de livros faz-se massivamente - 8 em cada 10 leitores afirmam-no - tendo em conta as "inclinações pessoais". O critério de escolha por "indicação de pessoa amiga" aparece mencionada por 3 em cada 10 leitores e, apenas, 1 em cada 10, admite seguir as orientações dadas pela "crítica lida" ou ser guiado por "exigências profissionais". De salientar a muito baixa interferência reconhecida à "publicidade" e ao "livreiro" na escolha de livros (vide Quadro 10, página seguinte).

A ventilação dos critérios segundo os tipos de leitores de livros deixa ver o peso praticamente indiferente do maior ou menor consumo de leitura de livros na opção pelos dois critérios de escolha mais frequentes. Tal não acontece flagrantemente quanto aos critérios de escolha por "críticas lidas" e por "exi-

gências profissionais", os quais são tanto mais referidos quanto maior consumo de leitura de livros se faz.

Quadro 10: Critérios de selecção de livros segundo os tipos de leitores de livros

	Grds. leit.	Méd. leit.	Peq. leit.	Total
Inclinação/preferência pessoal	80.0	86.4	79.6	82.2
Inclinação de amigos/familiares	31.8	29.1	29.7	29.6
Críticas lidas	21.2	18.0	7.7	12.7
Exigências profissionais	23.5	13.6	7.2	10.9
Consulta de catálogos	10.6	7.8	7.0	7.6
Influência de publicidade	8.2	4.1	5.6	5.2
Título/1ª página/autor	7.1	3.4	3.0	3.5
Indicação do livreiro/vendedor	1.2	2.7	1.6	1.9

Em % (respostas múltiplas): N = 1 070

Os leitores de livros, independentemente do seu tipo, parecem deste modo identificar-se, na sua maioria, com as escolhas que fazem. As opções que cometem são principalmente da sua lavra, accitando apenas alargar aos amigos a co-responsabilidade das escolhas. Os critérios de escolha através das "críticas lidas" e das "necessidades profissionais" são os que surgem mais dependentes do tipo de leitores. Os grandes leitores reconhecem mais frequentemente fazer depender as suas opções das críticas (logo, de outras leituras) e do exercício das respectivas profissões. Ao fazê-lo reconfirmam-se afinal na categoria de leitores eruditos e assíduos de livros.

Os escalões de disponibilidade monetária para o aprovisionamento de livros através da compra mostram que se 10.3% dos leitores se acham indisponíveis, a parte restante divide-se por igual entre os que dispensam mensalmente até Esc. 1000 e os que gastam mais de Esc. 1000 (vide Quadro 11, página seguinte).

Sobre a aquisição de livros no último ano repara-se que, se 9.0% dos leitores declara não ter comprado nenhum livro (serão muito provavelmente os que afirmam não ter disponibilidade monetária), cerca de um terço diz ter comprado 1-5 livros e metade afirma ter adquirido mais de 5 livros (vide Quadro 12, página seguinte).

Alguma correspondência poderia neste ponto ensaiar-se entre tipos de leitores e tipos de compradores de livros na base do mesmo escalonamento quantitativo. A ideia, tentadora por si mesma, é manifestamente simplista. Se globalmente pode sustentar-se que a quantidade de livros lidos varia na razão directa da quantidade de livros comprados encontra-se, ainda assim, mais de 50% de grandes leitores a comprar menos de 20 livros por ano - recorrendo por isso a outras fontes de aprovisionamento, nomeadamente às bibliotecas e ao empréstimo. E, por outro lado, mais de 30% de pequenos leitores a comprar mais de 5 livros por ano - demitindo-se, portanto, da leitura de livros adquiridos por compra.

Quadro 11: Disponibilidade monetária mensal para compra de livros (em %)

nenhum	10.3
menos de 500\$00	20.5
500 - 1000\$00	30.3
1000 - 2000\$00	22.5
mais de 2000\$00	15.9
não sabe/Não responde	0.6

= 1 060. Inquiridos que declaram ter livros (não apenas escolares) em casa e ter lido livros
no último ano

 Quadro 12: Quantidade de livros comprados (último ano) segundo os tipos de
res de livros (em %)

	Grds. leit.	Méd. leit.	Peq. leit.	Total
nenhum	5.8	3.4	13.5	9.0
até 5 livros	10.5	22.5	44.4	33.3
até 20 livros	44.2	61.4	29.0	42.8
mais de 20 livros	36.0	10.0	3.7	8.6
não compra	1.2	1.0	6.0	3.7
não sabe/não responde	2.4	1.7	3.4	2.6

Quadro 13: Lugares habituais de compra de livros segundo o tipo de leitores de livros

	Grds. leit.	Méd. leit.	Peq. leit.	Total
Livraria	89.4	86.2	75.3	80.6
Encomenda postal/correspondência	45.9	43.4	41.6	42.6
Feira do Livro	34.1	36.9	22.7	29.2
Levanta a um vendedor	15.3	9.0	10.5	10.3
Quiosque ou tabacaria	24.7	9.0	9.9	10.8
Supermercado	3.5	1.7	1.6	1.8
Outro lugar	8.2	4.1	3.6	4.2
não sabe/não compra	1.2	0.7	3.7	3.2

Em % (respostas múltiplas); N= 1060

A compra de livros faz-se preferencialmente na livraria - 8 em cada 10 leitores de livros fazem-no. A compra por encomenda postal/correspondência segue-se na lista dos lugares habituais, mas com uma expressão quantitativa reduzida a metade das compras feitas em livrarias (vide Quadro 13).

As Feiras do Livro constituem pólos de atracção importantes, posto que abertas durante um lapso curto de tempo, ainda assim mobilizam mais de um quarto dos inquiridos.

O supermercado, lugar possível de banalização mercantil do livro, não se configura praticamente como ponto de aprovisionamento. Dir-se-ia que a dessacralização não ocorre ou não ocorre ainda: a carga nobilitante dos livros persiste e são os grandes leitores os maiores compradores de livros nos supermercados. Aliás, os grandes leitores são o grupo que mais se destaca em todos os lugares de compra, com excepção das Feiras do Livro.

4.4. A posse e a preferência de gêneros de livros

A existência de livros em casa pode ser um indicador da relação mais ou menos próxima estabelecida com a leitura.

Dos 2000 inquiridos, 11.3% declaram não possuir quaisquer livros em casa ou só possuir livros escolares. Se se comparar os 88.7% de indivíduos possuidores de livros com os 53.5% leitores de livros, avalia-se a significativa parcela de possuidores não leitores: cerca de um terço da amostra. Verifica-se, assim, que o aprovisionamento de livros se pode realizar sem cumprimento da prática que lhe está supostamente inerente. Tratar-se-á em muitos casos de uma aquisição desvalorizante dos conteúdos das obras, afinal de uma aquisição de capital morto em matéria de textos.

De entre livros possuídos, os gêneros que aparecem mais frequentemente referidos - por dois terços ou mais dos possuidores - são os Romances de Autores Nacionais, as Enciclopédias/Dicionários, os Romances de Autores Estrangeiros e os Policiais/Espionagem. Na cauda deste mesmo escalonamento - indicados por um terço ou menos dos possuidores - regista-se a Poesia/Teatro, os livros de Viagens/Reportagens, os livros de Arte/Fotografia e os Ensaios Políticos/Filosóficos - e quase sem expressão - os livros Eróticos/Pornográficos (vide Quadro 14, página seguinte).

Delimitam-se, grosso modo, duas famílias de livros possuídos. De um lado, os largamente presentes, do outro, os escassamente representados nas bibliotecas pessoais. Não será grande ousadia interpretativa arriscar que, por entre estas duas famílias, perpassa o fio que destrinça o possuidor erudito - o que também possui os gêneros distintivos - do possuidor popular - o que só possui os gêneros de consumo massificado.

Do conjunto dos livros lidos mais frequentemente, os gêneros preferidos - perto de um quinto ou mais dos leitores referem-nos são os Romances de Autores Nacionais, os Romances de Autores Estrangeiros, os Policiais/Espionagem e os livros Técnicos/Profissionais/Científicos. As preferências menos citadas - menos de 5% dos leitores - englobam uma amálgama de gêneros desde os livros de Conselhos Práticos, aos Infantis/Juvenis e aos Ensaios Políticos/Filosóficos.

Interessará pôr em evidência as diferenças de posicionamento mais vinçadas nas duas escalas³. Alguns gêneros vêem o seu lugar baixar bastante ao passar-se da classificação dos livros possuídos em casa para a dos livros lidos mais frequentemente. São eles: 1) as Enciclopédias e Dicionários que, pese embora a sua intrínseca natureza, constarão das bibliotecas pessoais enquanto objectos emblemáticos do saber; 2) os livros Infantis/Juvenis que, adquiridos pelas famílias, têm como destinatários não abarcados na amostra deste Inquérito; 3) os livros de Poesia/Teatro, adquiridos pelo sinal de cultura cultivada que transportam; e, 4) os livros de Arte/Fotografia, evidentemente menos lidos pela sua especificidade iconográfica.

quadro 14: Gêneros de livros possuídos em casa (ordem decrescente) (1) e gêneros de livros lidos mais frequentemente (ordem decrescente) (2):

(1)	(%)	(%)	(2)
Romances Autores Nacionais	88.1	43.9	Romances Autores Nacionais
Enciclopédias/Dicionários	73.4	28.2	Romances Autores Estr.
Romances Autores Estr.	73.1	22.5	Políciais/Espionagem
Políciais/Espionagem	66.0	19.4	Técnicos/Profiss./Científ.
História/Conflitos Mund.	57.8	12.2	História/Conflitos Mund.
Banda Desenhada	53.4	9.6	Ficção Científica
Infantis/Juvenis	51.2	7.8	Enciclopédias/Dicionários
Religiosos	45.4	7.6	Banda Desenhada
Técnicos/Profiss./Científ.	42.0	6.8	Religiosos
Conselhos Práticos	40.6	3.9	Conselhos Práticos
Ficção Científica	39.5	3.6	Viagens/Reportagens
Poesia/Teatro	33.8	3.5	Eróticos/Pornográficos
Viagens/Reportagens	33.3	2.8	Infantis/Juvenis
Arte/Fotografia	23.7	2.8	Ensaios Polit./Filosóf.
Ensaios Polit./Filosóf.	22.6	2.2	Poesia/Teatro
Eróticos/Pornográficos	1.1	1.9	Arte/Fotografia

N = 1774 (inquiridos que possuem livros em casa, não apenas escolares); N = 1162 (inquiridos que possuem livros em casa, não apenas escolares, e que lêem livros); (*) respostas múltiplas.

Por outro lado, outros gêneros aparecem melhor colocados na escala de livros lidos do que na escala dos livros possuídos: 1) os livros Técnicos/Profissionais/Científicos, compulsados mais insistentemente por razões de ordem prática; 2) os livros de Ficção Científica; e, 3) os livros Eróticos/Pornográficos, dois gêneros circulantes: livros que se emprestam e que, assim, se lêem mais do que se têm. Acresce, no caso dos livros Eróticos, parecer recair sobre o gênero algum interdito que leva a que a posse não seja tão espontaneamente declarável como a leitura o será.

Finalmente, um comentário sobre os gêneros de livros possuídos em maior quantidade. Considerando-se apenas os seis primeiros gêneros, dada a exiguidade percentual subsequente. Os Romances de Autores Nacionais sobressaem francamente: cerca de 3 em 19 leitores afirmam ser esse o gênero que mais possuem. A distância apreciável, os Romances de Autores Estrangeiros, os livros Técnicos/Profissionais/ Científicos e os três restantes gêneros (vide quadro 15).

Quadro 15: Os seis gêneros de livros possuídos em maior quantidade segundo o tipo de leitores de livros (em %; N = 1060)

	Grds. leit.	Méd. leit.	Peq. leit.	Total
Romances autores nacionais	23.5	22.8	32.2	27.9
Romances autores estrangeiros	16.5	11.5	9.7	11.0
Técnicos/profiss./científ.	15.3	11.5	8.1	10.0
Políciais/espionagem	9.4	10.5	8.1	9.2
Enciclopédias/dicionários	1.2	6.1	9.4	7.5
Banda desenhada	9.4	6.9	4.1	5.6

A ventilação segundo os tipos de leitores permite desenhar duas tendências opostas. Romances de Autores Nacionais e Enciclopédias e Dicionários são os géneros tanto mais possuídos em maior quantidade quanto menos livros se lêem. São os dois géneros que polarizam mais marcadamente as preferências dos leitores populares: combinam a emoção (o romance que se lê) como o saber (a enciclopédia que se mostra). Ao invés, Romances de Autores Estrangeiros, livros Técnicos/Profissionais/Científicos e Banda Desenhada são os géneros tanto mais possuídos em maior quantidade quanto mais livros se lêem. Nestes três géneros, porventura algo em comum os une: um leitor acrescidamente cultivado capaz de se deixar implicar na remissão para uma realidade estranha à nacional, no caso dos Romances de Autores Estrangeiros; competente nalguma especialidade, no caso dos livros Técnicos/Profissionais/Científicos; afeiçoado a um produto recém nobilitado, no caso da Banda Desenhada.

Notas

- 1 O universo do presente estudo é composto pela população portuguesa residente no continente e nas localidades de 1000 habitantes e mais, população alfabetizada e com idade igual ou superior a 15 anos. Tomando como referência os dados do Recenseamento de 1981 e estimando algumas evoluções, nomeadamente da taxa de analfabetismo, o contingente populacional abrangido neste estudo é da ordem dos 3.5 milhões de indivíduos. A amostra estabelecida com a dimensão de 2000 indivíduos respeita o princípio de aleatoriedade, em termos de selecção dos indivíduos do universo, e comporta uma margem de erro de 2.2% para um intervalo de confiança de 95.5%. A inquirição foi realizada directa e pessoalmente através de um questionário previamente testado.
- 2 Acresce que noutros inquéritos sobre práticas de leitura, realizados no estrangeiro, tais fronteiras surgem consagradas.
- 3 Em rigor, os dois conjuntos de respondentes não são comparáveis, como se pode deduzir pelas indicações expressas no quadro. Face à indisponibilidade dos elementos necessários opta-se pela presente comparação que se julga aproximada.

Bibliografia

- BAIHOUL, Joelle. *Lectures précaires. Étude sociologique sur les faibles lecteurs*, Paris, B.P.I., Centre Georges Pompidou, 1988
- BERICHOU, Jean Pierre, ESPÉRARDIEU, Véronique, LION, Antoine, *Des illettrés en France*, (rapport au Premier Ministre), Paris, La Documentation Française, 1984
- BOURDIEU, Pierre. "Les trois états du capital culturel". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº30, 1979
- CERTEAU M. de. "Lire un braconnage". *L'Invention au Quotidien*, t.I., Arts de Faire, Paris, 10/18, UGE, 1980
- CHARTIER, Anne Marie, HÉBRARD, Jean. *Discours sur la lecture (1880-1980)*, Paris, BPI, Centre Georges Pompidou, 1989
- CHARTIER, R. (dir). *Pratiques de la lecture*, Paris, Ed. Rivages, Paris, 1985
- DEL COURT, Jacques, PAPIRI, Robert (dir), *Pour une politique européenne de la culture*, Paris, Economica, 1987

- BERONI, Michel, *Histoires de lire. Lecture et parcours biographique*, Paris, Bibliothèque Publique d'Information, Centre Georges Pompidou, 1988
- CHANGAUD, Bernard, BARREAU, Jean-Claude, *Pour une politique nouvelle du livre et de la lecture*, (rapports au Ministre de la Culture), Paris, Dalloz, 1982
- DULAIN, Martine (dir), *Pour une sociologie de la lecture. Lectures et lecteurs dans la France contemporaine*, Paris, Editions du Cercle de la Librairie, s.d.
- Pratiques culturelles des Français - Description socio-démographique, évolution 1973-81. Paris, Ministère de la Culture, Falloz, 1982
- ROBINE, Nicole, *Les jeunes travailleurs et la lecture*, Paris, Ministère de la Culture, La Documentation Française, 1984